

PERCEPÇÕES DA COMUNIDADE SOBRE A ESTAÇÃO EXPERIMENTAL DE ASSIS

Marlene Francisca TABANEZ¹
Sonia Isabel Pavliuk MACHADO²

RESUMO

A Estação Experimental de Assis, do Instituto Florestal, da Secretaria do Meio Ambiente, tem por objetivo realizar pesquisas florestais, conservar a natureza e contribuir para a melhoria da qualidade ambiental. A partir de 1988, passou a ser alvo de projetos políticos com propostas de sua utilização para atividades industriais e sociais como construção de penitenciária, aterro sanitário, ampliação do Distrito Industrial, etc. Para buscar soluções para o problema e definir estratégias de intervenção, o presente trabalho foi realizado para detectar as informações, as opiniões e as percepções que as autoridades, lideranças e segmentos da comunidade local tem sobre a Estação Experimental de Assis. Os resultados mostram que os entrevistados conhecem os programas de lazer/recreação, educação ambiental e produção florestal como atividades do Horto Florestal (E.E. Assis), mas não associam a preservação, a conservação e a melhoria da qualidade ambiental como sua função. Verifica-se que não associam a importância da cobertura vegetal de Assis a função do Horto Florestal, possuem conceitualização teórica, mas não sabem como isto se dá na prática.

Palavras-chave: Percepção, unidade de conservação, produção florestal, lazer; educação ambiental, liderança, comunidade.

1 INTRODUÇÃO

A Estação Experimental de Assis (E.E.A.) foi criada em 1959 com a finalidade de desenvolver pesquisas florestais, visando a utilização racional dos recursos naturais renováveis.

Dessa forma pode-se destacar as atividades técnico-científicas como: implantação e manejo florestal, pesquisa florestal, produção de mudas, preservação da vegetação natural e lazer/educação ambiental.

A E.E.A. possui uma área de 4.480 ha com vegetação de cerrado, mata ciliar e florestas de *Pinus* e *Eucalyptus*. Essa área pode ser destacada pelos seus 1.600 ha de vegetação natural do tipo cerrado que representa 70% da vegetação natural do município de

ABSTRACT

The objectives of Estação Experimental de Assis (E.E.A.), from Instituto Florestal of Secretaria do Meio Ambiente, is to do forest research in order to preserve the nature and to contribute to improvements on environmental quality. Since 1988, this became a target of political projects with proposals of its utilization for industrial and social activity, such as: embankment filled up with hospital and domestic refuse, building, penitentiary and industrial district enlargement, etc. This work was executed to obtain solution to these problems, to define strategies of intervention and to find out information, opinions and perception that the authorities, leaderships and local community have about the Estação Experimental de Assis (E.E.A.). The results show that the persons interviewed know about the recreation and leisure programs, environmental education and forest production like activities from the forest, but they don't realize that preservation, conservation and improvement on environment quality are its function. Notice that they don't associate the importance of the vegetation cover to the forest function. They know in theory, but they don't know how it works in practice.

Key words: Perception, unit of forest conservation and production, environmental education, leisure, leaderships, community.

Assis. Ela protege cerca de 70% da bacia hidrográfica que abastece a população assisense.

Outro aspecto importante a ressaltar é a produção florestal, produzindo madeira e resina para atender a demanda de toda a região.

Pode-se destacar também a atividade pioneira de lazer e educação ambiental, onde desde 1980 vem promovendo a integração da comunidade com a natureza para buscar a melhoria da qualidade de vida.

Por outro lado, o problema de pressão sobre as áreas públicas por políticos municipais é antigo, porque essas áreas não precisam ser desapropriadas. Esses problemas são comuns nas várias Unidades do Instituto Florestal com maior ou menor intensidade.

Verifica-se uma incoerência, na maioria das vezes,

(1) Instituto Florestal - C. P. 1332 - 01059 - São Paulo, SP, Brasil.

(2) Psicóloga.

entre o discurso e a ação, principalmente por políticos, sendo a questão ambiental sempre manipulada por interesses próprios.

Com relação à E.E.A., ela está localizada numa região que apresenta um desenvolvimento acelerado, de maior produtividade agrícola e de maior valorização de terras no Estado. A E.E.A. vem sofrendo pressões para a sua utilização com outros fins, diferentes da preservação e da produção florestal, como por exemplo: a ampliação do Distrito Industrial, construção de aterro sanitário, reforma agrária, penitenciária, dentre outros.

A obtenção de apoio comunitário para a conservação das Unidades, poderá se dar através do desenvolvimento de um programa de educação ambiental com as comunidades circunvizinhas a estas áreas.

JESUS et alii (1987) definem comunidades circunvizinhas como sendo as cidades, os povoamentos e os agrupamentos rurais que mantêm relação direta ou indireta com as Unidades de Conservação. As unidades de Conservação sofrem todo tipo de demandas, decorrência natural da arbitrariedade e instabilidade de políticas para o meio ambiente, de uma legislação dúbia e complexa e acima de tudo, da força do poder econômico. Apresentam orientações e estratégias de educação ambiental para as áreas circunvizinhas às Unidades de Conservação.

São consideradas Unidades de Conservação as reservas florestais, biológicas e indígenas; os parques estaduais, as estações ecológicas: as áreas naturais tombadas e as áreas de proteção ambiental, que são áreas naturais sob proteção. As Unidades de Produção são as estações experimentais, as florestas estaduais e os viveiros florestais.

TABANEZ et alii (1990) levantam questões sobre os programas de uso público em florestas e enfocam a educação ambiental como sendo uma das estratégias para a formação de consciência ambiental dos diversos segmentos da comunidade, visando a obtenção de apoio na conservação da natureza e a redução de impactos sobre o ambiente. Mostra a necessidade de um planejamento com base no levantamento de dados qualitativos (sócio-culturais) e quantitativos (sócio-econômicos).

TABANEZ et alii (1986) realizaram estudos para verificar a receptividade ao programa de recreação e educação ambiental da E.E.A...

GUILLAUMON et alii (1986) apresentam subsídios para políticas de manejo de florestas para o uso múltiplo, considerando o lazer cultural/educativo como alternativas para o engajamento da comunidade na problemática da preservação e o uso racional dessas florestas. Salientam também que 800.000 ha de áreas naturais do Estado de São Paulo estão sob administração do Instituto Florestal, sendo que somente 25% tem sua situação fundiária solucionada, a par de todos os problemas de pressões por invasão e outras formas de predação, como a grilagem, citando o Pontal do Paranapanema como exemplo.

DIETZ & NAGAGATA (1985) apresentam a metodologia de educação comunitária como um instrumento para a conservação da natureza. Realizaram estudos para detectar e analisar as opiniões e os com-

portamentos da população de três municípios circunvizinhos à reserva Biológica de Poço das Antas - RJ, com relação a natureza.

SILVA (1986) analisou a abordagem teórica e prática da metodologia da comunicação participativa e constatou a possibilidade de sua aplicação em programas de educação ambiental com as comunidades circunvizinhas à Estação Ecológica de Maracá - Amapá. Verificou também que essa metodologia serve como um instrumento de intervenção na realidade e possibilita a integração do grupo de trabalho e deste com a comunidade.

SORRENTINO (1988) apresenta reflexões sobre o papel educacional de uma entidade ambientalista para o militante ecologista e para a sociedade, de forma a contribuir para a produção do conhecimento, para o aperfeiçoamento das intervenções sociais. A metodologia adotada foi a da pesquisa-ação, pesquisa qualitativa e pesquisa participante, através de entrevistas, levantamentos e análise de documentos e questionários.

KIENTZ (1973) apresenta algumas regras para análise do conteúdo de uma pesquisa: ser objetiva e sistemática, abordar apenas o conteúdo manifesto e a análise deve quantificar os dados obtidos. O autor enfoca também a necessidade do agrupamento das unidades e categorias de respostas.

O programa de uso público da E.E.A. foi implantado para atender uma demanda específica pelas atividades de lazer. A partir daí, ampliou-se o programa com a inserção das atividades de educação e interpretação ambiental e a formação de pessoal, principalmente para o público visitante da E.E.A.

Tendo em vista os problemas de pressão sobre a E.E.A. e a necessidade de ampliação do programa de educação ambiental para os diversos segmentos da comunidade, elaborou-se este estudo.

O presente trabalho teve o objetivo de detectar as informações, as opiniões e as percepções que as lideranças, autoridades e segmentos da comunidade local tem sobre a Estação Experimental de Assis

2 MATERIAL E MÉTODOS

2.1 Sujeitos

Os sujeitos da pesquisa foram as lideranças, os políticos e alguns segmentos da comunidade. A amostragem foi composta de 70 pessoas, quais sejam: representantes de igrejas, vereadores, líderes de partidos políticos, associações de classe e de moradores, clubes de serviço, secretários municipais, vendedores, comerciantes, professores, imprensa, moradores antigos, empresários, proprietários rurais, presidentes de sindicatos, profissionais liberais, bancários, órgãos governamentais (saúde, segurança, agricultura, educação, etc), dentre outros.

2.2 Procedimento

Realizou-se um levantamento dos líderes, das autoridades e da comunidade de Assis. Com a listagem,

estabeleceu-se a amostra significativa de cada segmento da comunidade.

O método adotado para o levantamento dos dados sobre a E.E.A. foi a realização de entrevistas. A entrevistada apresentava dez questões abertas, onde se procurou levantar questões gerais sobre os objetivos, as atividades e a importância da E.E.A. para o município, bem como situá-la no contexto ambiental regional.

As entrevistas foram realizadas por dois estudantes de nível universitário do curso de história e de psicologia, que receberam um treinamento em técnicas de entrevistas.

Na entrevista utilizou-se a terminologia Horto Florestal em substituição a Estação Experimental de Assis, pois é dessa forma que a comunidade se refere à E.E.A.

O levantamento dos dados foi feito no ano de 1990 e 1991.

3 APRESENTAÇÃO DOS DADOS

Os dados das entrevistas foram agrupados de acordo com as categorias de respostas obtidas, em função de suas similaridades. As diversas categorias de resposta agrupadas, foram apresentadas a equipe técnica da E.E.A., para confrontar a codificação (KIENTZ, 1973).

As porcentagens apresentadas correspondem às categorias de resposta, onde o entrevistado na maioria das vezes, emitiu mais de uma opinião em uma mesma questão.

Os resultados da pesquisa foram enviados aos entrevistados, para conhecimento em forma de tabelas. Houve manifestação/retorno de apenas 5% das correspondências enviadas.

Os dados obtidos são apresentados a seguir nas FIGURAS 1 a 10.

4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A FIGURA 1 mostra que 77% dos entrevistados conhecem o Horto Florestal, 7% não conhecem e 16% conhecem pouco. Dos 77% que conhecem o Horto, nem todos o visitaram, mas têm informações sobre ele.

Verifica-se nas FIGURAS 2, 3, 6 e 7, que são questões relacionadas às atividades e a importância do Horto Florestal, a porcentagem elevada das categorias de resposta: lazer, recreação e educação ambiental, constatando dessa forma o alcance dos objetivos do programa de uso público da E.E.A..

Nas FIGURAS 2 e 3, as categorias de respostas: lazer, educação ambiental e produção florestal são confirmadas. No caso das respostas: preservação, melhoria da qualidade ambiental e pesquisa, verifica-se que estes são conceitos teóricos e que os entrevistados não sabem como isso é posto em prática (conhecimentos das atividades do Horto Florestal). Verifica-se que as atividades de lazer, educação ambiental e produção florestal são benefícios diretos e sociais da floresta e são vivenciados pela comunidade. Por outro lado, nota-se que os benefícios indiretos: preservação e melhoria da qualidade ambiental não são conhecidos.

A importância da cobertura vegetal para a região (FIGURA 4) é representada pelas respostas: proteção dos recursos naturais - 25%, melhoria do clima/qualidade ambiental - 20%, preservativo das espécies - 34%, sendo que somente 3% apontou o lazer. Confirma o conceito teórico de proteção, preservação e melhoria da qualidade de vida, sem estar associado à função do Horto Florestal, que representa cerca de 70% da cobertura vegetal do município.

Com relação à importância do Horto para a comunidade (FIGURA 6), verifica-se que 25% imagina recre-

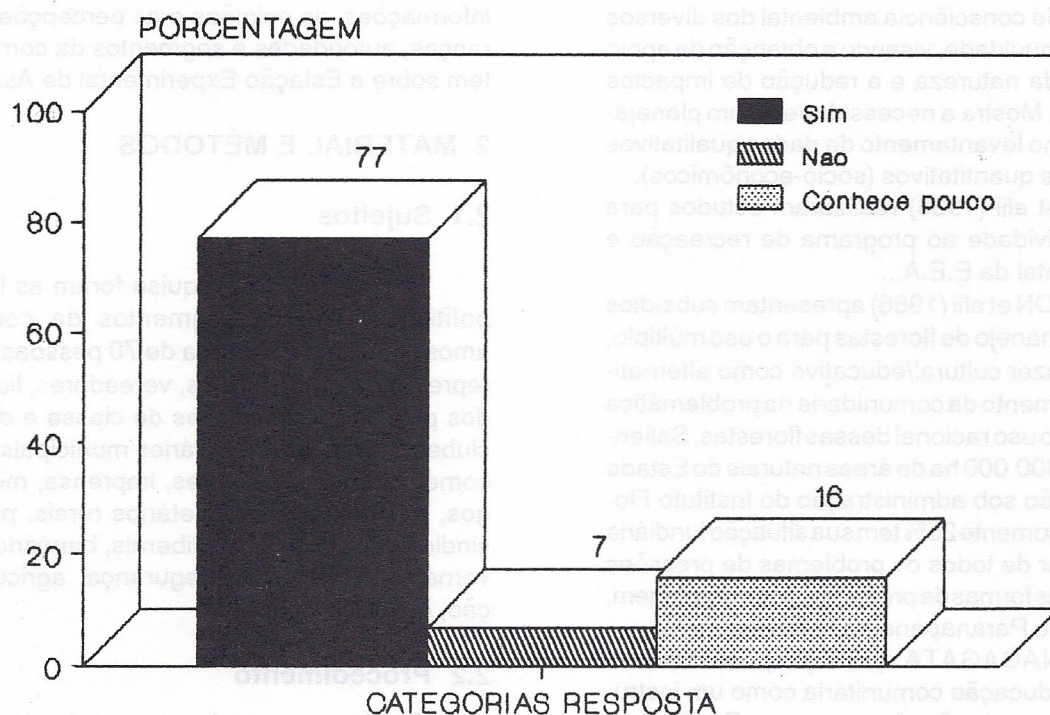


FIGURA 1 - Conhecimento do Horto Florestal

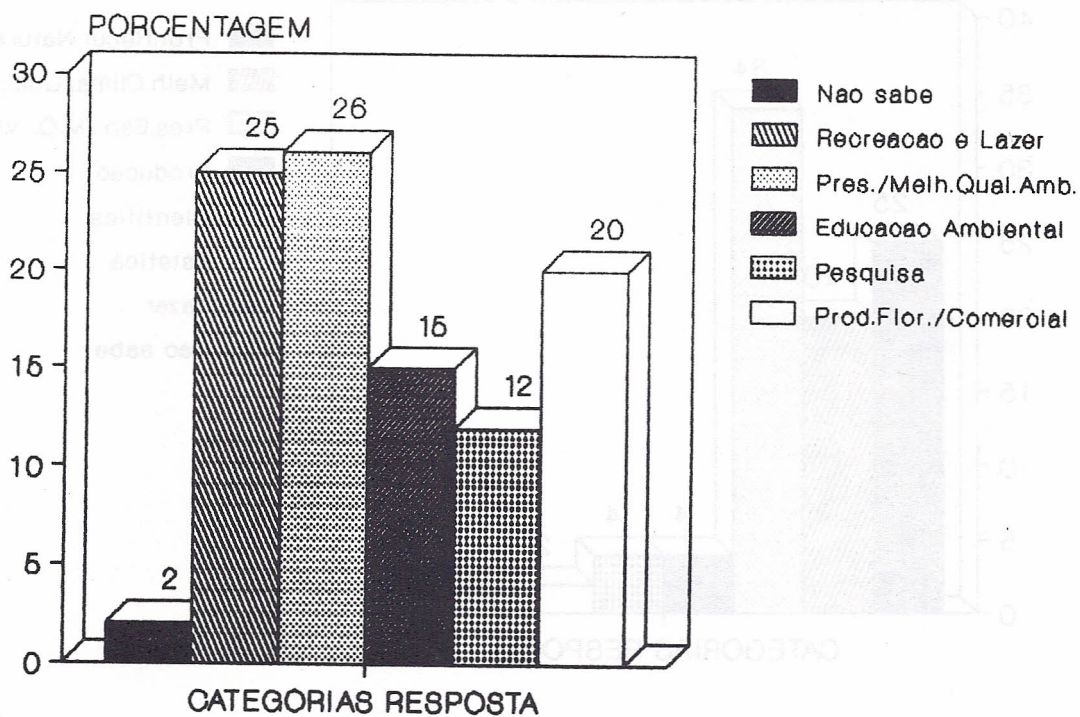


FIGURA 2 - Importância do Horto Florestal

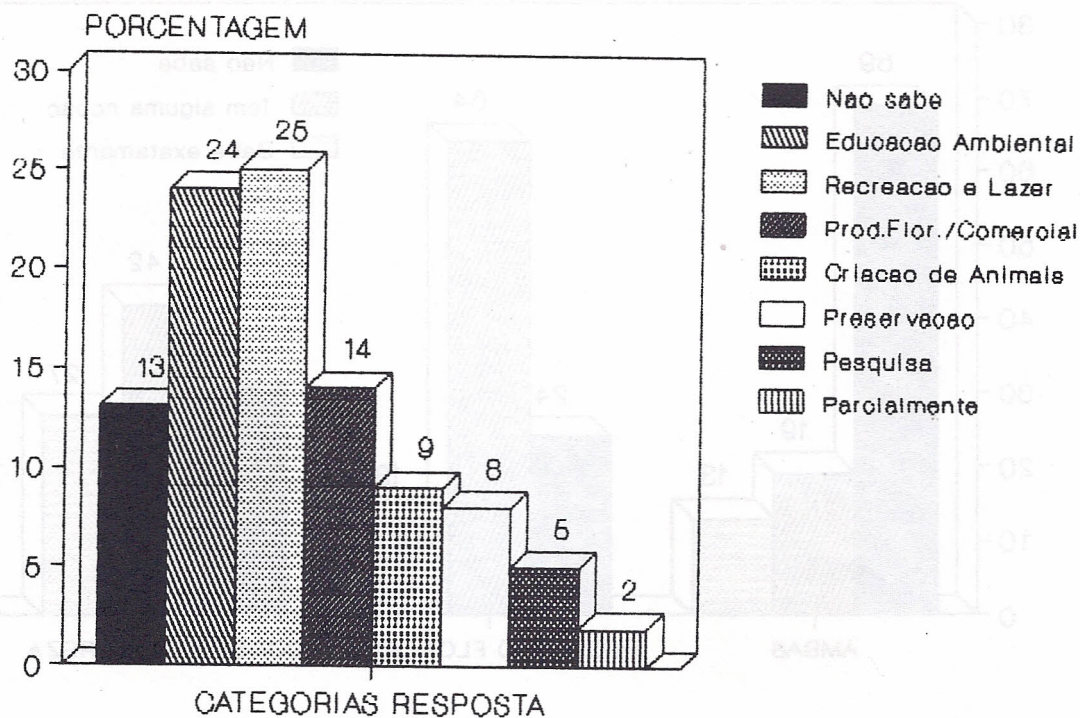


FIGURA 3 - Conhecimento das atividades do Horto Florestal

ação e lazer, 23% conservação da natureza, 14% melhoria da qualidade ambiental, 18% educação ambiental, 7% pesquisa, 7% produção florestal e 7% não sabe.

Comparando os resultados da FIGURA 6 com a FIGURA 4: 59% afirmam a importância da cobertura vegetal para proteção e preservação e só 25% reconhe-

cem essa importância no Horto Florestal, 20% cobertura vegetal para melhoria do clima e da qualidade ambiental e 14% reconhecem o Horto Florestal como tal; 3% consideram a cobertura vegetal com o lazer e 25% - consideram o lazer no Horto Florestal; em percentagens menores considerou-se a importância da cobertura ve-

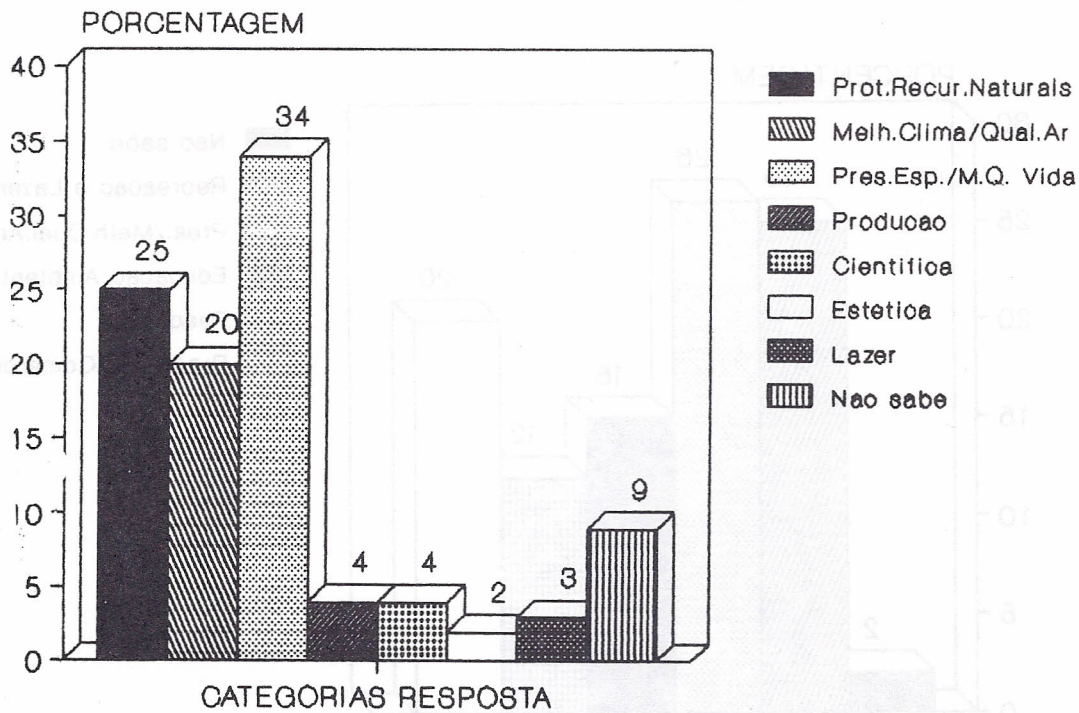


FIGURA 4 - Importância de uma cobertura florestal

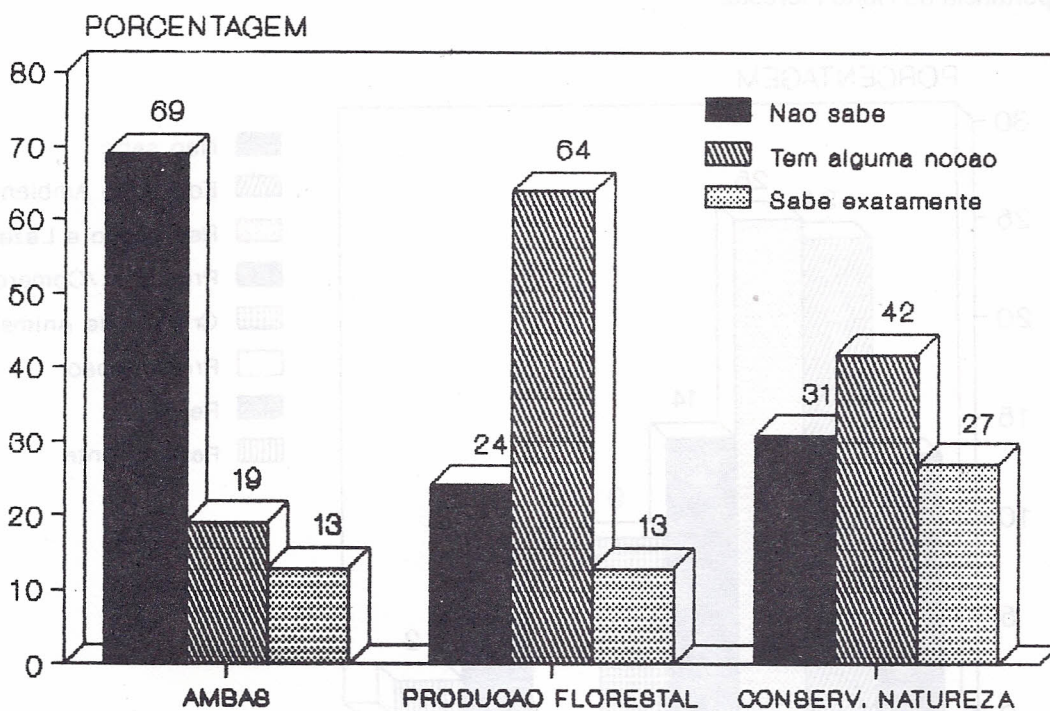


FIGURA 5 - Conhecimento de unidade de produção florestal e de conservação da natureza

getal e do Horto Florestal para a pesquisa e a produção florestal, e muitos desconhecem essa importância. A educação ambiental não consta na cobertura vegetal e no Horto Florestal consta 18%

A FIGURA 5 demonstra que 15% dos entrevistados responderam à questão Conhecimento de Unidades de Produção Florestal e de Conservação da Natureza

com a categoria AMBAS: 69% não sabe, 19% tem alguma noção e 13% sabe exatamente. No caso das categorias Produção Florestal e Unidades de Conservação 55% dos entrevistados responderam a PRODUÇÃO FLORESTAL: 24% não sabe, 64% tem alguma noção e 13% sabe exatamente; na categoria UNIDADE DE CONSERVAÇÃO: 31% não sabe, 42% tem alguma noção e

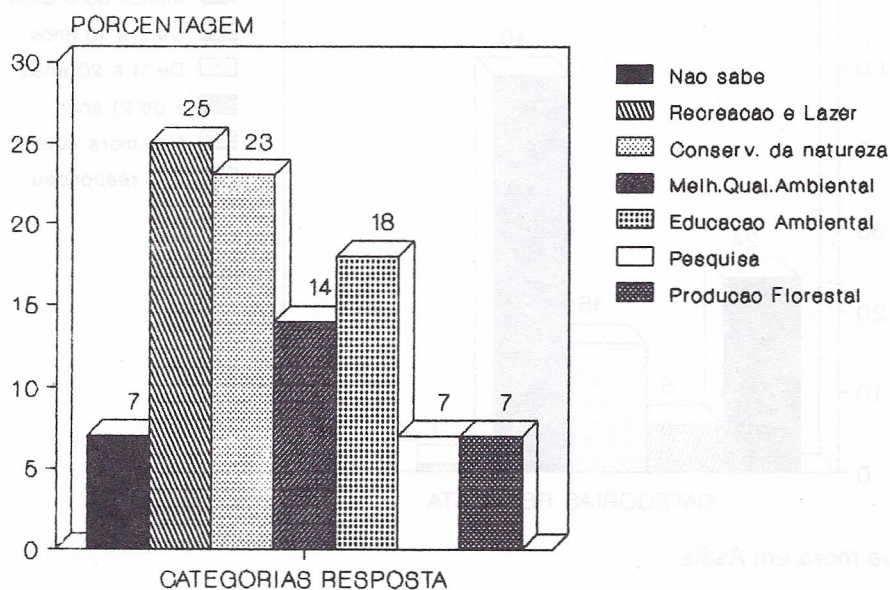


FIGURA 6 - Importância do Horto Florestal para a comunidade

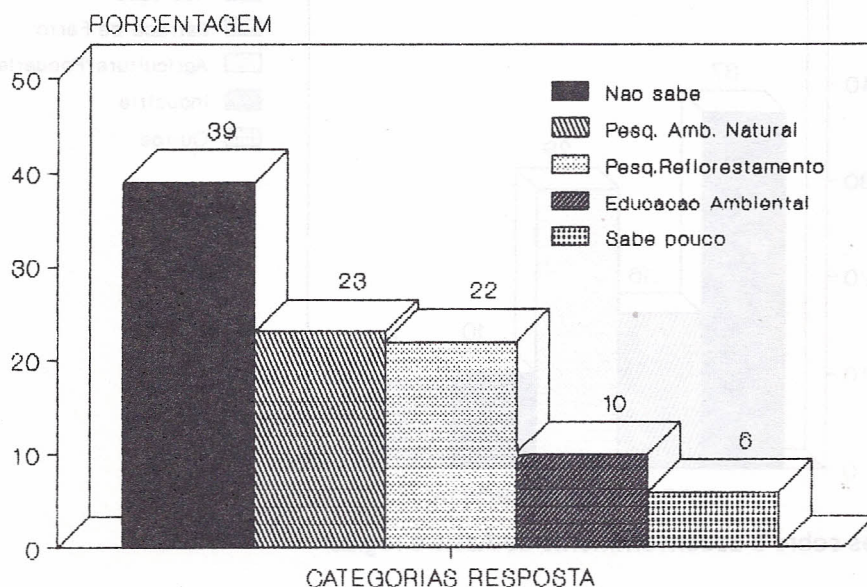


FIGURA 7 - Conhecimento da importância científica do Horto Florestal

27% sabe exatamente. Como esses conceitos de manejo de florestas não são muito divulgados, verifica-se um desconhecimento dessas categorias de resposta.

A FIGURA 7 demonstra que 39% não sabem a importância científica do Horto Florestal, 6% sabem pouco, 23% imaginam a pesquisa com ambiente natural e 23% a pesquisa com reflorestamento e 10% educação ambiental. Verifica-se que a preservação e conservação da natureza não foram associados à pesquisa e que a educação ambiental só foi considerada em 10% à pesquisa.

Nas FIGURAS 8 e 9 verifica-se que 49% dos entrevistados moram há mais de 21 anos em Assis; e

37% não sabem como se deu o desenvolvimento de Assis e região, sendo que 16% atribuem à estrada de ferro, 29% à agricultura e pecuária, 1% à indústria.

Com relação ao tipo de mata que existe/ia e como ocorreu o desmatamento de Assis: 49% não sabe o tipo de mata; 29% cerrado; 5% campo; 18% mata; 38% não sabe como se deu o desmatamento; 36% agricultura e pecuária; 12% indústria; 5% falta de informações.

Verifica-se nas FIGURAS 8, 9 e 10 uma associação entre desenvolvimento e desmatamento em função da agricultura, pecuária e indústria e a falta de informações sobre legislação (desmatamento). No tipo de mata 49% dos entrevistados não souberam dizer o tipo de

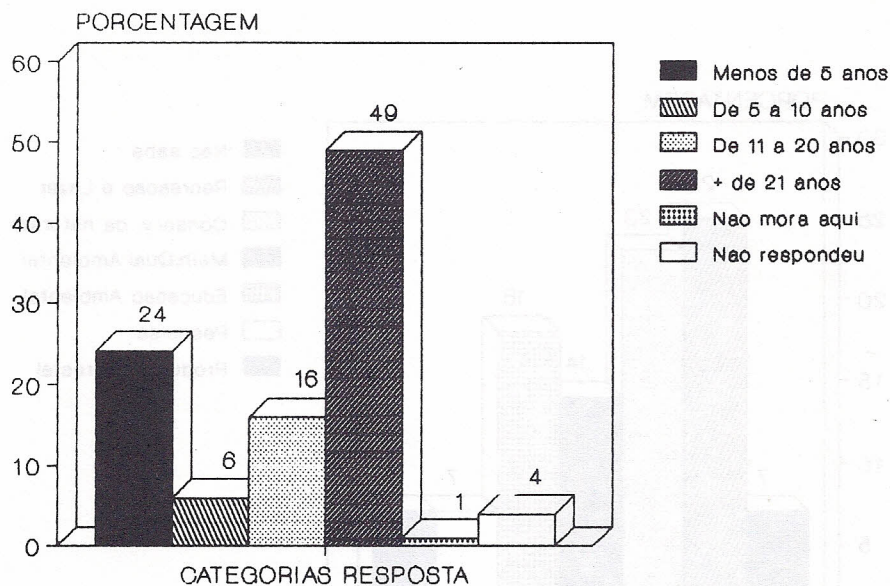


FIGURA 8 - Tempo que mora em Assis

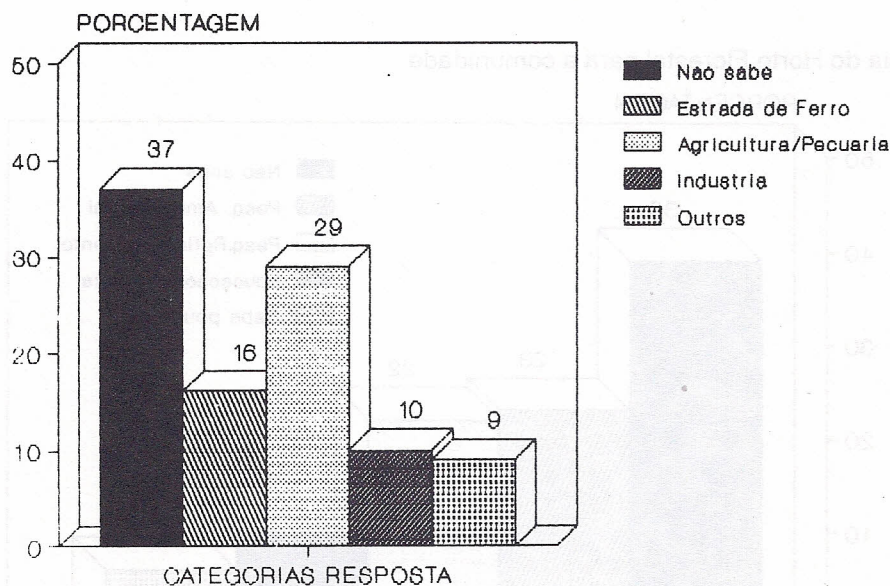


FIGURA 9 - Informações sobre o desenvolvimento de Assis e região

mata que existe/ia em Assis; se compararmos com os dados da FIGURA 4, 9% não sabe da importância da cobertura vegetal e 49% não sabe o tipo de mata, mas mesmo assim apresentam respostas sobre a importância da cobertura vegetal, confirmando o caráter teórico das mesmas.

As sugestões apresentadas na questão 10 foram 20% nada a propor; 22% aumentar divulgação nos meios de comunicação, 17% atividades de extensão e fomento, 14% ampliar o uso para educação ambiental, 8% não conhecem o trabalho de educação ambiental, 5% estimular a militância ecológica e 4% promover mais festividades e proporcionar transporte aos estudantes. Nota-se um desconhecimento por atividades que já são desenvolvidas no Horto Florestal, especificamente o programa de

educação ambiental, o que demonstra que as pessoas recebem informações genéricas sobre o Horto Florestal, mas não conhecem os trabalhos desenvolvidos.

Outro aspecto observado com a realização das entrevistas, são as expectativas depositadas na equipe do Horto Florestal para a sua conservação.

5 CONCLUSÕES

A partir dos resultados obtidos pode-se concluir:

- os entrevistados não associam a importância da cobertura vegetal de Assis e região à função do Horto Florestal que é uma importante área de cobertura vegetal no município;
- os resultados obtidos em relação às atividades

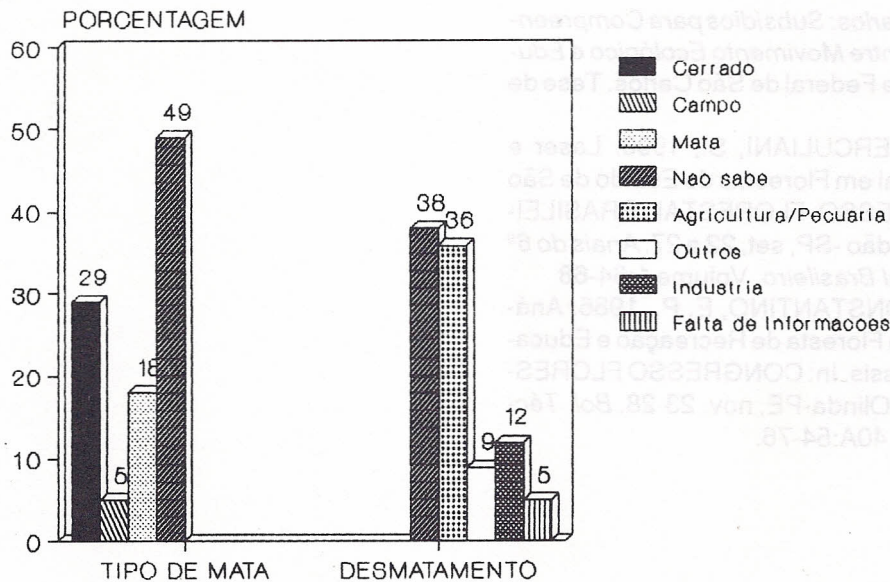


FIGURA 10 - Tipo de mata de Assis/ocorrência de desmatamento

de lazer, educação ambiental e interpretação ambiental, estão de acordo com os objetivos do programa de uso público da E.E.A.;

- c) a função do Horto Florestal está relacionada aos benefícios diretos da floresta que são lazer, educação ambiental e produção florestal/comercial;
- d) os benefícios indiretos da floresta: preservação, conservação, melhoria da qualidade de vida e melhoria do clima, não são vistas como função/atividades do Horto Florestal, embora essas categorias apareçam a nível teórico (importância do Horto Florestal);
- e) o lazer e a pesquisa são considerados atividades do Horto Florestal, mas não são consideradas importantes para uma cobertura vegetal;
- f) as categorias Unidades de Produção Florestal e de Conservação da Natureza não são conhecidas pelos entrevistados;
- g) a importância científica do Horto Florestal é pouco conhecida pela comunidade, que não a associa com as categorias preservação e conservação da natureza;
- h) existe uma associação dos aspectos que levaram ao desmatamento e desenvolvimento de Assis e região: agricultura, pecuária, indústria.

6 RECOMENDAÇÕES

A partir dos conhecimentos das opiniões, das informações e das percepções que as lideranças, as autoridades e a comunidade têm sobre a E.E.A. elaborou-se os programas de intervenção, para os grupos específicos, com aplicações de questionários pré e pós visitas educativas ao Horto Florestal, para uma avaliação do mesmo.

Com esse programa espera-se que a comunidade como um todo, passe a apoiar a administração da

E.E.A. na sua conservação, e a identificá-la como de fundamental importância pelos seus benefícios diretos, indiretos e sociais para a melhoria da qualidade de vida da população.

7 AGRADECIMENTOS

À Pesquisadora científica Lêda Maria do Amaral Gurgel Garrido pela orientação na análise e conclusão dos dados obtidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CONSEMA. 1985. *Áreas Naturais do Estado de São Paulo*. Coordenador: Fernando Valente de Barros Barreto. Folheto 16 p.
- DIETZ, L. A. & NAGAGATA, E., 1985. Projeto Mico-Leão. V Programa de Educação Comunitária para a Conservação do Mico-Leão-Dourado. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PRIMATOLOGIA, Brasília-DF, Anais Primatologia no Brasil=2.
- GUILLAUMON, J. R. & OGAWA, H. Y., 1986. Usos Múltiplos-Lazer. In: CONGRESSO FLORESTAL BRASILEIRO, Olinda-PE, Nov. 23 a 28. Anais. Silvicultura 41:25-35. (Edição Especial).
- JESUS, F. et alii, 1987. *Orientações e Estratégias para as Áreas Circunvizinhas às Unidades de Conservação*. II Curso de Especialização em Educação Ambiental. SEMA/UnB-Brasília. (Monografia).
- KIENTZ, A., 1973. *Comunicação de Massa: Análise de Conteúdo*. Rio de Janeiro. Eldorado. 182 p.
- SILVA, O. D., 1986. *Análise da Aplicabilidade da Metodologia de "Comunicação Participativa" no Desenvolvimento do Projeto de Educação Ambiental nas Comunidades Próximas à Estação Ecológica de Maracá-AP*. I Curso de Especialização em Educação Ambiental SEMA/UnB-Brasília. (Monografia).
- SORRENTINO, M., 1988. *Associação para Proteção*

Ambiental de São Carlos: Subsídios para Compreensão das Relações entre Movimento Ecológico e Educação. Universidade Federal de São Carlos. Tese de Mestrado.

TABANEZ, M. F. & HERCULIANI, S., 1990. Laser e Educação Ambiental em Florestas do Estado de São Paulo. In: CONGRESSO FLORESTAL BRASILEIRO, Campos do Jordão -SP, set, 22 a 27. *Anais do 6º Congresso Florestal Brasileiro*, Volume 1:64-68

TABANEZ, M. F. & CONSTANTINO, E. P., 1986. Análise da Frequência à Floresta de Recreação e Educação Ambiental de Assis. In: CONGRESSO FLORESTAL BRASILEIRO, Olinda-PE, nov. 23-28. *Bol. Técnico IF*, São Paulo, 40A:54-76.

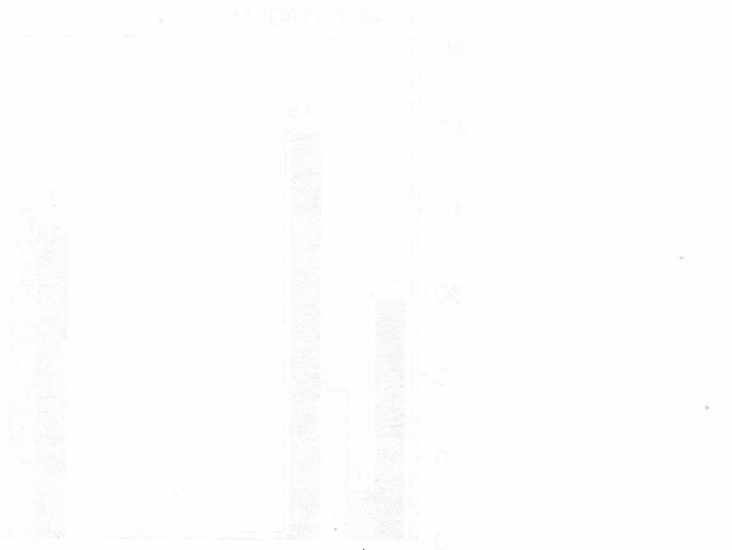


Figura 1: Tipo de matéria abordada nos artigos publicados no periódico.

1. A pesquisa ambiental é um campo interdisciplinar e multidisciplinar, envolvendo conhecimentos de diversas áreas do conhecimento humano, como a biologia, a geografia, a história, a sociologia, a economia, a política, a filosofia, a arte, a literatura, a música, a dança, o teatro, o cinema, a televisão, a imprensa, a rádio, a internet, etc.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos professores e pesquisadores que contribuíram com suas ideias e conhecimentos para a realização deste trabalho. Em especial, agradeço ao professor Dr. [Nome], pela orientação e apoio durante todo o processo de desenvolvimento desta pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, S. M. (1985). *Áreas Naturais de Proteção do Estado de São Paulo*. São Paulo: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, FAPESP, 13 p.

ALMEIDA, S. M. & JARDIM, J. P. (1985). *Áreas Naturais de Proteção do Estado de São Paulo*. São Paulo: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, FAPESP, 13 p.

ALMEIDA, S. M. & JARDIM, J. P. (1987). *Áreas Naturais de Proteção do Estado de São Paulo*. São Paulo: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, FAPESP, 13 p.

ALMEIDA, S. M. & JARDIM, J. P. (1988). *Áreas Naturais de Proteção do Estado de São Paulo*. São Paulo: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, FAPESP, 13 p.

ALMEIDA, S. M. & JARDIM, J. P. (1989). *Áreas Naturais de Proteção do Estado de São Paulo*. São Paulo: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, FAPESP, 13 p.

ALMEIDA, S. M. & JARDIM, J. P. (1990). *Áreas Naturais de Proteção do Estado de São Paulo*. São Paulo: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, FAPESP, 13 p.

ALMEIDA, S. M. & JARDIM, J. P. (1991). *Áreas Naturais de Proteção do Estado de São Paulo*. São Paulo: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, FAPESP, 13 p.

ALMEIDA, S. M. & JARDIM, J. P. (1992). *Áreas Naturais de Proteção do Estado de São Paulo*. São Paulo: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, FAPESP, 13 p.

ALMEIDA, S. M. & JARDIM, J. P. (1993). *Áreas Naturais de Proteção do Estado de São Paulo*. São Paulo: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, FAPESP, 13 p.

ALMEIDA, S. M. & JARDIM, J. P. (1994). *Áreas Naturais de Proteção do Estado de São Paulo*. São Paulo: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, FAPESP, 13 p.

ALMEIDA, S. M. & JARDIM, J. P. (1995). *Áreas Naturais de Proteção do Estado de São Paulo*. São Paulo: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, FAPESP, 13 p.

ALMEIDA, S. M. & JARDIM, J. P. (1996). *Áreas Naturais de Proteção do Estado de São Paulo*. São Paulo: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, FAPESP, 13 p.

ALMEIDA, S. M. & JARDIM, J. P. (1997). *Áreas Naturais de Proteção do Estado de São Paulo*. São Paulo: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, FAPESP, 13 p.

ALMEIDA, S. M. & JARDIM, J. P. (1998). *Áreas Naturais de Proteção do Estado de São Paulo*. São Paulo: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, FAPESP, 13 p.

ALMEIDA, S. M. & JARDIM, J. P. (1999). *Áreas Naturais de Proteção do Estado de São Paulo*. São Paulo: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, FAPESP, 13 p.

ALMEIDA, S. M. & JARDIM, J. P. (2000). *Áreas Naturais de Proteção do Estado de São Paulo*. São Paulo: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, FAPESP, 13 p.

ALMEIDA, S. M. & JARDIM, J. P. (2001). *Áreas Naturais de Proteção do Estado de São Paulo*. São Paulo: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, FAPESP, 13 p.

ALMEIDA, S. M. & JARDIM, J. P. (2002). *Áreas Naturais de Proteção do Estado de São Paulo*. São Paulo: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, FAPESP, 13 p.

ALMEIDA, S. M. & JARDIM, J. P. (2003). *Áreas Naturais de Proteção do Estado de São Paulo*. São Paulo: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, FAPESP, 13 p.

ALMEIDA, S. M. & JARDIM, J. P. (2004). *Áreas Naturais de Proteção do Estado de São Paulo*. São Paulo: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, FAPESP, 13 p.

ALMEIDA, S. M. & JARDIM, J. P. (2005). *Áreas Naturais de Proteção do Estado de São Paulo*. São Paulo: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, FAPESP, 13 p.

ALMEIDA, S. M. & JARDIM, J. P. (2006). *Áreas Naturais de Proteção do Estado de São Paulo*. São Paulo: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, FAPESP, 13 p.

ALMEIDA, S. M. & JARDIM, J. P. (2007). *Áreas Naturais de Proteção do Estado de São Paulo*. São Paulo: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, FAPESP, 13 p.

ALMEIDA, S. M. & JARDIM, J. P. (2008). *Áreas Naturais de Proteção do Estado de São Paulo*. São Paulo: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, FAPESP, 13 p.

ALMEIDA, S. M. & JARDIM, J. P. (2009). *Áreas Naturais de Proteção do Estado de São Paulo*. São Paulo: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, FAPESP, 13 p.

ALMEIDA, S. M. & JARDIM, J. P. (2010). *Áreas Naturais de Proteção do Estado de São Paulo*. São Paulo: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, FAPESP, 13 p.

ALMEIDA, S. M. & JARDIM, J. P. (2011). *Áreas Naturais de Proteção do Estado de São Paulo*. São Paulo: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, FAPESP, 13 p.

ALMEIDA, S. M. & JARDIM, J. P. (2012). *Áreas Naturais de Proteção do Estado de São Paulo*. São Paulo: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, FAPESP, 13 p.

ALMEIDA, S. M. & JARDIM, J. P. (2013). *Áreas Naturais de Proteção do Estado de São Paulo*. São Paulo: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, FAPESP, 13 p.

ALMEIDA, S. M. & JARDIM, J. P. (2014). *Áreas Naturais de Proteção do Estado de São Paulo*. São Paulo: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, FAPESP, 13 p.

ALMEIDA, S. M. & JARDIM, J. P. (2015). *Áreas Naturais de Proteção do Estado de São Paulo*. São Paulo: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, FAPESP, 13 p.

ALMEIDA, S. M. & JARDIM, J. P. (2016). *Áreas Naturais de Proteção do Estado de São Paulo*. São Paulo: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, FAPESP, 13 p.

ALMEIDA, S. M. & JARDIM, J. P. (2017). *Áreas Naturais de Proteção do Estado de São Paulo*. São Paulo: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, FAPESP, 13 p.

ALMEIDA, S. M. & JARDIM, J. P. (2018). *Áreas Naturais de Proteção do Estado de São Paulo*. São Paulo: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, FAPESP, 13 p.

ALMEIDA, S. M. & JARDIM, J. P. (2019). *Áreas Naturais de Proteção do Estado de São Paulo*. São Paulo: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, FAPESP, 13 p.

ALMEIDA, S. M. & JARDIM, J. P. (2020). *Áreas Naturais de Proteção do Estado de São Paulo*. São Paulo: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, FAPESP, 13 p.

ALMEIDA, S. M. & JARDIM, J. P. (2021). *Áreas Naturais de Proteção do Estado de São Paulo*. São Paulo: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, FAPESP, 13 p.

ALMEIDA, S. M. & JARDIM, J. P. (2022). *Áreas Naturais de Proteção do Estado de São Paulo*. São Paulo: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, FAPESP, 13 p.

ALMEIDA, S. M. & JARDIM, J. P. (2023). *Áreas Naturais de Proteção do Estado de São Paulo*. São Paulo: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, FAPESP, 13 p.

ALMEIDA, S. M. & JARDIM, J. P. (2024). *Áreas Naturais de Proteção do Estado de São Paulo*. São Paulo: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, FAPESP, 13 p.

ALMEIDA, S. M. & JARDIM, J. P. (2025). *Áreas Naturais de Proteção do Estado de São Paulo*. São Paulo: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, FAPESP, 13 p.

A pesquisa ambiental é um campo interdisciplinar e multidisciplinar, envolvendo conhecimentos de diversas áreas do conhecimento humano, como a biologia, a geografia, a história, a sociologia, a economia, a política, a filosofia, a arte, a literatura, a música, a dança, o teatro, o cinema, a televisão, a imprensa, a rádio, a internet, etc.

A pesquisa ambiental é um campo interdisciplinar e multidisciplinar, envolvendo conhecimentos de diversas áreas do conhecimento humano, como a biologia, a geografia, a história, a sociologia, a economia, a política, a filosofia, a arte, a literatura, a música, a dança, o teatro, o cinema, a televisão, a imprensa, a rádio, a internet, etc.

A pesquisa ambiental é um campo interdisciplinar e multidisciplinar, envolvendo conhecimentos de diversas áreas do conhecimento humano, como a biologia, a geografia, a história, a sociologia, a economia, a política, a filosofia, a arte, a literatura, a música, a dança, o teatro, o cinema, a televisão, a imprensa, a rádio, a internet, etc.

A pesquisa ambiental é um campo interdisciplinar e multidisciplinar, envolvendo conhecimentos de diversas áreas do conhecimento humano, como a biologia, a geografia, a história, a sociologia, a economia, a política, a filosofia, a arte, a literatura, a música, a dança, o teatro, o cinema, a televisão, a imprensa, a rádio, a internet, etc.

CONSIDERAÇÕES

A pesquisa ambiental é um campo interdisciplinar e multidisciplinar, envolvendo conhecimentos de diversas áreas do conhecimento humano, como a biologia, a geografia, a história, a sociologia, a economia, a política, a filosofia, a arte, a literatura, a música, a dança, o teatro, o cinema, a televisão, a imprensa, a rádio, a internet, etc.

A pesquisa ambiental é um campo interdisciplinar e multidisciplinar, envolvendo conhecimentos de diversas áreas do conhecimento humano, como a biologia, a geografia, a história, a sociologia, a economia, a política, a filosofia, a arte, a literatura, a música, a dança, o teatro, o cinema, a televisão, a imprensa, a rádio, a internet, etc.